

O PROTAGONISMO FEMININO EM UM GRUPO DE ESTUDANTES UNIVERSITÁRIAS COM TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA

CRUZ, G. D.¹; DUTRA, T. R.¹; ALVES, A. P. B.¹; GONÇALVES, R. P.²

¹Grupo PET - Conexões de Saberes: Diálogo com a Comunidade, UFR; ²Tutora do Grupo PET - Conexões de Saberes: Diálogo com a Comunidade, UFR

giovana.dutra@aluno.ufr.edu.br, thiago.dutra@aluno.edu.br, alex.alves@aluno.ufr.edu.br,
raquel.salgado@ufr.edu.br, 2016.pet@gmail.com

RESUMO: Este trabalho consiste no relato de experiência do Grupo de Trabalho “Autismo em Contextos Educacionais”, como parte integrante do grupo PET “Conexões de Saberes: Diálogo com a Comunidade”, que desenvolve ações junto a estudantes universitários com Transtorno do Espectro Autista (TEA), que são: oficinas de vivências, com o objetivo de proporcionar espaço de escuta e acolhimento aos estudantes com TEA; e grupos de leitura sobre tópicos do autismo, que consistem em um espaço de estudos sobre a temática. A interseccionalidade apresenta-se como a principal abordagem teórico-metodológica. O objetivo principal deste trabalho é discutir a participação das estudantes mulheres nas oficinas de vivências, atravessada pelas condições sociais e subjetivas advindas do TEA. Nesse contexto, o gênero atua como um importante marcador social de diferença, em articulação com a sexualidade, o trabalho e a maternidade, que se faz notar nos relatos das estudantes participantes das oficinas sobre suas experiências de relações abusivas e exclusão social, que se acentuam em função da condição do TEA.

Palavras-chave: Autismo; Interseccionalidade; Educação; Desigualdades.

FEMALE LEADERSHIP IN A GROUP OF UNIVERSITY STUDENTS WITH AUTISM SPECTRUM DISORDER

ABSTRACT: This paper reports on the experience of the "Autism in Educational Contexts" Working Group, part of the PET Group "Connections of Knowledge: Dialogue with the Community." The group develops actions with university students with Autism Spectrum Disorder (ASD). These include: experience workshops, aimed at providing a listening and welcoming space for students with ASD; and reading groups on autism topics, which provide a space for study on the subject. Intersectionality is the main theoretical-methodological approach. The main objective of this paper is to discuss the participation of female students in experience workshops, influenced by the social and subjective conditions arising from ASD. In this context, gender acts as an important social marker of difference, in conjunction with sexuality, work, and motherhood, as evidenced by the accounts of the students participating in

(a) Área do Conhecimento (CNPq): Ciências Humanas.

(b) Sintonia com Ecossistemas de Inovação / Áreas Transversais e Prioritárias (CCT/PR): Educação, Sociedade & Economia.

(c) Objetivos do Desenvolvimento Sustentável (ODS): ODS 4 - Educação de Qualidade (4.5); ODS 5 - Igualdade de Gênero (5.1); ODS 10 - Redução das Desigualdades (10.2)

the workshops about their experiences of abusive relationships and social exclusion, which are exacerbated by ASD condition.

Keywords: Autism; Intersectionality; Education; Inequalities.

Introdução

O Programa de Educação Tutorial (PET) “Conexões de Saberes”: Diálogo com a Comunidade” tem desenvolvido ações direcionadas ao ensino, à pesquisa e à extensão, que são planejadas e desenvolvidas por Grupos de Trabalho (GT) que constituem este grupo PET. As temáticas dos GTs estão intimamente ligadas à abordagem teórico-metodológica dos estudos interseccionais e decoloniais, que fundamentam o trabalho coletivo da equipe. A abordagem da interseccionalidade, em destaque neste trabalho, debruça-se sobre problemas sociais, políticas, experiências culturais e subjetivas, sob a articulação de marcadores sociais de diferença, que abrangem processos discursivos, narrativas, memórias e produções estéticas. Sob este enfoque, as intervenções dos GTs abarcam temas, como racismo, relações de gênero e sexualidade, infâncias e juventudes, memórias de pessoas idosas e neurodiversidade.

O escopo deste trabalho volta-se para o GT “Autismo em Contextos Educacionais”, que desenvolve ações junto a estudantes universitários com Transtorno do Espectro Autista (TEA), a saber: as rodas de conversa, também denominadas como oficinas de vivências, que objetivam proporcionar um espaço seguro e de escuta para que os participantes possam estabelecer, além de uma noção de identificação, relações com os outros e com o mundo de modo menos emocionalmente prejudicial; e os grupos de leitura sobre tópicos do autismo, que consistem em um espaço de estudos e aprofundamento teórico-metodológico sobre a temática, tanto para os estudantes do grupo PET e participantes da roda de conversa quanto para demais estudantes que possuem interesse em compreender o TEA. De modo mais específico, este trabalho foca na participação das estudantes mulheres nas oficinas de vivências desenvolvidas por esse Grupo de Trabalho, atravessada pelas condições advindas do TEA.

Desde os seus primórdios, a teorização acerca do autismo representa uma exclusão às mulheres. Tal processo pode ser evidenciado mesmo na concepção da teoria, que se popularizou e consagrou pelas definições de Kanner e Asperger, mas que exclui observações iniciais feitas por Grunya Sukhareva, psiquiatra e pesquisadora da União Soviética (Pozzi, Junior, 2024). Tais observações foram realizadas quase 20 anos antes de Kanner, o que não impediu o escamoteamento de sua teoria, salientando um processo de subvalorização do conhecimento produzido por mulheres.

INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL E DIREITOS HUMANOS:
DESAFIOS ÉTICOS PARA O SÉCULO XXI

Segundo Orrú (2024), o Transtorno do Espectro Autista (TEA), apesar de possuir taxas de prevalência maiores em meninos, exclui fatores sociais que são essenciais para a compreensão de como estabelecer quadros sintomatológicos e que compreendam a profundidade de tais fenômenos. Isso se deve a duas principais razões:

Primeiro, porque até pouquíssimo tempo a ciência nem sequer reconhecia o sexo feminino em toda sua complexidade, singularidade e potência, logo, as pesquisas em torno do masculino eram generalizadas para o feminino inferiorizado e subalternizado. Segundo, porque os estudos e pesquisas sobre o autismo ainda estão engatinhando em conhecimento que possa ser considerado substancial e confiável (Orrú, 2024, p. 103).

Nesse sentido, apresentamos aqui um recorte para contribuir como reflexão às noções apresentadas: um grupo de estudantes universitárias com TEA composto majoritariamente por mulheres. Denominado como **Oficinas de Vivências para Estudantes com TEA**, o grupo apresenta-se como um espaço acolhedor, em formato de rodas de conversa, que objetiva propiciar o diálogo entre estudantes universitários que são atravessados pelas condições sociais e subjetivas acarretadas pelo TEA, com a característica central de ter sido procurado desde o princípio, quase que em sua totalidade, por mulheres diagnosticadas com autismo.

Método

O grupo **PET Conexões de Saberes: Diálogo com a comunidade** estrutura-se por meio de distintos Grupos de Trabalho (GT), os quais possuem formatos próprios de atuação em suas respectivas áreas. As oficinas de vivências, inseridas no **Grupo de Trabalho “Autismo em Contextos Educacionais”**, são permeadas pelas mais diversas esferas metodológicas que compõem o conjunto de características desse grupo PET, o qual tem a interseccionalidade como sua abordagem teórico-metodológica central. Segundo Collins e Bilge (2020), a interseccionalidade transcende a mera soma de marcadores sociais (como gênero, raça, classe, sexualidade) e passa a analisar como esses eixos se moldam mutuamente em uma estrutura de dominação interligada. Assim, cabe compreendê-la não apenas como um conceito, mas sim como uma ferramenta práxis-crítica que permite desnaturalizar categorias de opressão e privilégio.

Considerando as oficinas como proposta de intervenção junto às comunidades, Moura e Lima (2014) analisam a roda de conversa como um instrumento metodológico possível, visto que esta se constitui como uma forma de produzir "dados ricos em conteúdo e significado" (p. 99) a partir da vivência dos participantes. Para as autoras, o formato da roda de conversa é essencialmente dialógico, sendo um "momento singular de partilha" (p. 100), pois permite que

as narrativas e contribuições de cada participante sejam formuladas a partir da interação mútua com os demais.

Adicionalmente, outra atividade realizada nesse contexto é o **Grupo de Leitura de Tópicos sobre Autismo**, que promove abertamente – para pessoas com ou sem autismo – encontros para estudar em conjunto o TEA. Esse formato de estudo é metodologicamente reforçado pela independência temática do grupo em relação à sua tutora no PET, cuja área de afinidade não se relaciona diretamente com o tema do autismo, promovendo uma prática autônoma do processo de ensino e aprendizagem no interior do grupo PET. Essa autonomia na produção de saberes e práticas sintoniza-se diretamente com a pedagogia da autonomia (Freire, 2011), que rejeita a concepção bancária de educação, para a qual o professor é quem está de posse do conhecimento e, portanto, quem o centraliza e o direciona para o estudante. Ao assumir a liberdade de estudar em pares temas que possuem implicações diretas com as vidas e experiências dos estudantes, os participantes do GT – incluindo os estudantes do grupo PET – se posicionam como sujeitos ativos do seu processo formativo. O grupo, assim, vivencia a práxis, a relação entre a ação e a reflexão crítica, que é fundamental para a construção de conhecimentos baseada na autonomia e no diálogo.

Convém mencionar que as atividades desenvolvidas, tanto nas oficinas de vivências quanto nos grupos de leitura, seguidas pelos relatos dos participantes, são registradas em diário de campo, a cada encontro, que fica sob a responsabilidade de um estudante do grupo PET.

Resultados e Discussão

A interseccionalidade, conforme a perspectiva teórica (Collins; Bilge, 2020) que embasa e orienta a metodologia da oficina de vivências, apresenta-se como o elemento central e a lente analítica indispensável para a compreensão das experiências das mulheres autistas que integram os encontros. O conteúdo emergente do grupo confirma que as vivências dessas participantes são intrinsecamente atravessadas e moldadas por questões de desigualdade no que tange aos marcadores sociais de gênero, sexualidade, trabalho e maternidade.

Nesse contexto, o gênero atua como um marcador crucial. As narrativas indicam que o sofrimento vivenciado pelas participantes decorre de opressões que não são isoladas, mas sim entrecruzadas, nas quais o gênero potencializa as desigualdades a que estão submetidas. Ademais, as dificuldades na regulação emocional, inerentes ao autismo, são percebidas como um desafio intensificado em um contexto social que impõe às mulheres a responsabilidade do cuidado materno, seja na condição de mães autistas ou de cuidadoras em outros papéis.

**INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL E DIREITOS HUMANOS:
DESAFIOS ÉTICOS PARA O SÉCULO XXI**

As experiências relacionadas à sexualidade também se manifestam como fontes de opressão e invisibilidade, fazendo notar a complexidade de expressões de gênero e sexualidade no contexto do TEA. A presença de relatos de invalidação da bissexualidade e de opressões constantes com base na homossexualidade evidenciou a urgência de um acolhimento que respeite a integralidade dessas expressões. A dificuldade, por vezes, em perceber segundas intenções em relações afetivas ou o sofrimento decorrente de comportamentos abusivos que se aproveitam da condição autista ressalta a vulnerabilidade das participantes e a importância de um suporte adequado para a navegação nessas dinâmicas.

Outro marcador social relevante, destacado ao longo dos encontros, é o trabalho. A dificuldade na inserção e adaptação no mercado de trabalho foi um tema recorrente, sendo consideradas como questões diretamente associadas ao autismo. Tal situação impacta significativamente as trajetórias acadêmicas e profissionais das estudantes participantes, resultando em marginalização social e econômica. No âmbito do contexto educacional, as participantes, na condição de estudantes, mencionam o descaso por parte de professores, que frequentemente tratam a acessibilidade como "algo ruim" ou "estigmatizante", o que contraria o princípio da equidade e gera sofrimento psíquico.

A despeito das adversidades, o grupo constitui-se como um espaço de suporte, acolhimento e escuta, sendo um fator determinante para o cuidado da saúde mental das participantes, o que contribui para uma maior sociabilidade, tanto no contexto universitário como em outras esferas da vida social, e sensação de conforto, segurança e partilha. O ambiente proporcionado pelo grupo possibilita a percepção de que certas dificuldades não são de responsabilidade individual, gerando um senso de pertencimento e de valorização da singularidade no âmbito da comunidade.

Adicionalmente, as relações afetivas e de vínculos estabelecidos com outras pessoas autistas, e mesmo com aqueles que se relacionam com a temática, potencializam a convocação de mais pessoas ao debate, além de reforçar a natureza dialógica e formativa dos encontros. Por fim, a atuação do GT em colaboração com o CinePET, atividade mensal do PET “Conexões de Saberes” que tem como objetivo promover cine debates sobre temas de cunho crítico-social, por meio do evento “Transtorno do Espectro Autista: a vida para além do diagnóstico”, permitiu a exploração de diversas questões, como diagnóstico tardio, autismo na infância, vida adulta, autismo e a música, e a interseccionalidade, ampliando o debate para uma audiência mais vasta, além dos participantes diretos da oficina de vivências.

Conclusões

Este trabalho consolida a interseccionalidade como a lente analítica indispensável para o estudo das mulheres autistas, demonstrando que as suas experiências são complexamente atravessadas por gênero, sexualidade, trabalho e maternidade, o que agrava as desigualdades sociais a que estão submetidas.

A roda de conversa, como intervenção metodológica da oficina de vivências, apresenta-se como um instrumento fundamental. Sua natureza dialógica permite a desindividualização do sofrimento, fomentando o senso de pertencimento no grupo e o acolhimento mútuo, e consolidando-se como um espaço de escuta, suporte psicossocial e produção de material analítico.

Conclui-se, em síntese, que a articulação exitosa entre as atividades de extensão e a base teórica da interseccionalidade é crucial para o desvelamento das iniquidades enfrentadas pelo grupo. As experiências compartilhadas nas oficinas, registradas nos relatos das participantes e nos diários de campo produzidos pelos estudantes do PET, sublinham a urgência de que os gestores e a sociedade civil implementem políticas e estratégias no âmbito educacional e profissional que sejam específicas, sensíveis e adequadamente acessíveis às mulheres no espectro autista.

Agradecimentos

O grupo PET “Conexões de Saberes: Diálogo com a Comunidade” agradece ao Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação/MEC pelas bolsas concedidas aos estudantes e à tutora que integram o Grupo de Trabalho (GT), responsável pela elaboração deste resumo expandido.

Referências

COLLINS, Patricia Hill; BILGE, Sirma. **Interseccionalidade**. 1. ed. São Paulo: Boitempo, 2020.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 2011.

MOURA, Adriana Ferro; LIMA, Maria Glória. **A reinvenção da roda: roda de conversa: um instrumento metodológico possível**. Revista Temas em Educação, João Pessoa, v. 23, n. 1, p. 98-106, jan.-jun. 2014.



**INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL E DIREITOS HUMANOS:
DESAFIOS ÉTICOS PARA O SÉCULO XXI**

ORRÚ, Sílvia Ester. **O autismo em meninas e mulheres: diferença e interseccionalidade.**
Petrópolis, RJ: Vozes, 2024.

POZZI, Cristina Maria; DOS SANTOS RIESGO, Rudimar; JUNIOR, Francisco Baptista Assumpção. **Revisiting the history of autism before Kanner and Asperger: a tribute to Grunya Sukhareva.** Arquivos de Neuro-Psiquiatria, v. 82, n. 08, p. 001-003, 2024.